EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

1. *Nada na língua é por acaso — Por uma pedagogia da variação linguística*
   Marcos Bagno, 3ª ed.
2. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*
   Luiz Antônio Marcuschi, 3ª ed.

A. A construção do objeto dos estudos linguísticos no século XX

Esta breve introdução geral não busca suprir um capítulo de história da linguística, mas simplesmente introduzir o núcleo epistemológico que conduziu a linguística até este momento, em particular no século XX. Como se sabe, a linguística teve início há mais de 2.500 anos, na Índia, com Panini. Na observação do linguista francês George Mounin,

> É na Índia antiga que se encontra a provável primeira reflexão manifesta levada a cabo por homens sobre a sua linguagem; e, sobretudo, a primeira descrição duma língua, como tal. E é espantosa a extraordinária qualidade logo alcançada por essa estreia no labor descritivo linguístico (Mounin, 1970, p. 65)[1].

Mas Panini tinha intenções religiosas e não científicas ao realizar seu trabalho. Aliás, as motivações religiosas e políticas sempre foram as que mais moveram os estudos linguísticos ao longo de toda a história até o século XX. Contudo, mesmo Chomsky reverencia a obra gigantesca do linguista indiano, que soube desenvolver uma análise morfossintática refinada na relação com a fonologia. Pela mesma época de Panini, na Grécia Antiga, iniciavam-se os estudos da linguagem que influenciariam todas as gramáticas posteriores até nossos dias: é a *tradição greco-romana*. Entre estes estão Platão e Aristóteles. Ali são postas as bases filosóficas da terminologia e os primeiros problemas linguísticos que foram, sobretudo, de ordem semântica e filosófica e não formal e morfológica. A ideia da *arbitrariedade do signo* e de seu caráter representacional vem de Platão e Aristóteles, que levantaram os pilares da semântica e da sintaxe[2]. De então para cá, os estudos avolumaram-se e chegaram ao século XIX com uma rica bagagem, especialmente na linha filológica, histórica e comparatista.

Assim, no século XIX, a linguística desenvolvia-se como *linguística histórica*, com grande empenho dos neogramáticos e dos comparatistas, que buscavam as leis gerais que subjaziam a todas as línguas[3]. Eles legaram ao século XX

1. George Mounin (1970). *História da linguística: das origens ao século XX*. Porto: Despertar.

2. *Os romanos e os medievais, de maneira geral, contribuíram mais para a reflexão filosófica do que para a investigação linguística stricto sensu. Além disso, deve-se considerar que os romanos mais contribuíram para transmitir do que inovar a reflexão sobre a linguagem.*

3. Disso surgiram, por exemplo, as famosas Leis de Grimm, que observavam as similaridades fonéticas das línguas indo-europeias, em particular o sânscrito, o grego e o latim.

um arsenal de conhecimentos e algumas posturas teóricas que seriam incorporadas por Saussure[4]. Entre estas posições estão fundamentalmente as seguintes:

- *A língua é uma instituição social e não um organismo natural.*
- *A língua é uma totalidade organizada.*
- *A língua é um sistema autônomo de significação.*
- *A língua pode ser estudada em si e por si mesma.*
- *A língua é um sistema de signos arbitrários.*
- *A língua é uma realidade com história.*

Certamente, este conjunto de princípios levou Saussure a estabelecer algumas de suas dicotomias que, como se vê, situam-se nessa herança que ele recolhe nos neogramáticos. Daí surgiu a linguística como ciência autônoma, separando-se dos estudos históricos, da psicologia, da filologia e literatura, áreas nas quais se achava integrado o estudo das línguas.

Essa tendência tinha uma longa e frutífera tradição que irá perdurar até os anos 30 do século XX, juntamente com a nova visão estruturalista surgida no primeiro quartel do século XX. Saussure deu origem à chamada *linguística científica*, que ficou conhecida a partir de seu *Curso de linguística geral* desenvolvido entre 1911-1913 e publicado postumamente em 1916 por seus alunos. Ninguém mais duvida hoje que o projeto saussuriano, mesmo na versão positivista legada pelos seus alunos[5], inaugura um novo modo de fazer linguística em relação ao comparatismo e ao historicismo que o precederam, interrompendo uma parte importante da caminhada que durava desde o século XVII. Particularmente relevante é a sociossemiótica proposta por Saussure e que deverá ter extrema relevância em todos os estudos linguísticos posteriores.

O mestre genebrino concebia a língua como um fenômeno social, mas analisava-a como um código e um sistema de signos. A dar crédito aos ensinamentos contidos no *Curso*, interessavam-lhe apenas o sistema e a forma e não o aspecto de sua realização na fala ou no seu funcionamento em textos. A visão saussuriana de língua se dava a partir do sistema num recorte sincrônico

4. A esse respeito cf. Carlos Aberto Faraco (2004). Estudos pré-saussurianos. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à linguística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 27-52.

5. Volto a frisar que uma revisão de Saussure com maior detalhe do que já se fez até aqui poderá mostrar que há mais equívocos do que se imagina nessa questão, e talvez o próprio Bakhtin tenha sido vítima dessa armadilha dos discípulos de Saussure, já que na época de Bakhtin não havia as reflexões que hoje se fazem a esse respeito. Portanto, é bom relativizar algumas das observações aqui feitas.

e com base nas unidades abaixo do nível da frase (fonema, morfema, lexema). Não havia atenção para o uso. (Obs.: estes aspectos estão sendo hoje totalmente revistos com as novas descobertas de manuscritos de Saussure publicados ao longo da última década do século XX.)

Não se deve ignorar, no entanto, que Saussure não fechou as portas para a análise do uso, da enunciação ou do texto, nem mesmo ignorou o sentido, mas essas não parecem ser suas preocupações centrais no *Curso*. Novas descobertas de textos inéditos de Saussure[6] dão conta de que ele tinha uma visão muito mais ligada à análise da língua em uso do que se deu a entender. Várias vezes Saussure (2004: 86-87; 237), nesses novos textos, lembra que a linguagem é *discurso*.

Vale a pena considerar aqui um item importante dessa nova publicação de Saussure (2004), a fim de ter clara a posição daquele linguista quanto à natureza do objeto dos estudos linguísticos. Com efeito, Saussure defendia que *não há objetos naturais na língua* e sim todos são fruto de um particular ponto de vista. Essa visão saussuriana é fundadora e essencial para se compreender como os objetos de nosso estudo são constituídos. Vejamos atentamente este aspecto em sua forma original nesta instrutiva passagem do Saussure recentemente redescoberto:

[[Não há objeto linguístico antes do ponto de vista]]

2b Posição das identidades

Não se tem razão ao dizer: um fato de linguagem precisa ser considerado de vários pontos de vista; nem mesmo ao dizer: esse fato de linguagem será, realmente, duas coisas diferentes, conforme o ponto de vista. Porque se começa supondo que o fato de linguagem é dado fora do ponto de vista. É preciso dizer: primordialmente, existem pontos de vista; senão, é simplesmente impossível perceber um fato de linguagem.

A identidade que começamos a estabelecer, ora em nome de uma consideração ora em nome de outra, entre dois termos, eles mesmos de natureza variável, é absolutamente o único fato primeiro, o único fato simples de onde parte a investigação linguística.

2c Natureza do objeto em linguística

Será que a linguística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto dado, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.?

6. *Refiro-me aqui em particular ao livro recentemente publicado em português:* Ferdinand de Saussure (2004). *Escritos de linguística geral.* Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Editora Cultrix. [ed. or.: *Écrits de linguistique générale.* Paris: Gallimard, 2002].

De maneira alguma e em momento algum: ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir do dado dos sentidos.

Uma sucessão de sons vocais, por exemplo, *mer* (*m + e + r*) é, talvez, uma entidade que regressa ao domínio da acústica, ou da fisiologia; ela não é, de jeito nenhum, nesse estado, uma entidade linguística.

Uma língua existe se, a *m + e + r*, se vincula uma ideia. Dessa constatação, absolutamente banal, segue-se:

1°- que não há nenhuma entidade linguística, que possa ser dada, que seja dada imediatamente pelo sentido; nenhuma que exista fora da ideia que lhe pode ser vinculada;

2°- que não há nenhuma entidade linguística, entre as que nos são dadas, que seja simples porque, mesmo reduzida à sua mais simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a, por exemplo, ao domínio dos fatos físicos;

3°- que, se a unidade de cada fato de linguagem resulta, já, de um fato complexo que consiste da união de fatos, ela resulta, além disso, de uma união de um gênero altamente particular: na medida em que não há nada em comum, em essência, entre um signo e aquilo que ele significa;

4°- que a empreitada de classificar os fatos de uma língua está, portanto, diante deste problema: classificar os acoplamentos de objetos heterogêneos (signos-ideias) e não, como se é levado a supor, classificar objetos simples e homogêneos, como seria o caso se fosse preciso classificar os signos ou as ideias. Há duas gramáticas, das quais uma partiu da ideia, e outra do signo; elas são falsas ou incompletas, todas as duas.

[[A dualidade básica não é entre significante e significado]]

2d *[Princípio de dualismo]*

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO — do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato "físico" do som por oposição ao fato "mental" da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissoluvelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o "signo" mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal.

(FONTE: Ferdinand de SAUSSURE, 2004, pp. 23-24)

Estas duas posições de Saussure [natureza do objeto da linguística e natureza do significante linguístico] são muito importantes para se compreender com alguma clareza a própria natureza dos estudos linguísticos e a constituição de seu objeto. Por um lado, não se pode ter um objeto linguístico sem

uma teoria mínima que o delimite e o conceba. Por outro lado, não se pode considerar que os significantes existam sem que haja uma *combinação, convenção* ou algo similar por parte dos falantes de uma língua. Todo o problema está no ponto de vista que adotamos para estabelecer esses fenômenos, como construímos as relações entre os indivíduos, o peso que damos a essas relações e como concebemos o papel da língua neste processo. Seguramente, Saussure procedeu por algumas reduções muito sérias em seu recorte sincrônico e sua visão sistemática, seguindo caminhos que impediram um trato da língua na observação primordial de sua característica discursiva e social.

Em consequência, nos estudos linguísticos de marca saussuriana, o projeto que predominou na tradição do *Curso* sufocou sensivelmente o sujeito, a sociedade, a história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua[7], a fim de obter um objeto asséptico e controlado criado pelo *"ponto de vista"* sincrônico e formal. Este drástico reducionismo na visada talvez não tenha estado na intenção da proposta saussuriana como se tenta hoje demonstrar na revisão que dele vem sendo feita (cf. Bouquet, 1997)[8], mas foi um de seus resultados notáveis. *Malgré cela*, em Saussure já estão prenunciados muitos dos desmembramentos da linguística, para além da aplicação do *cânon aristotélico* no fazer científico.

O quadro epistemológico saussuriano vigorou para além de meados do século XX[9], inclusive na América do Norte, onde paralelamente se instalara a perspectiva bloomfieldiana, similar à de Saussure, mas filosoficamente menos elaborada. Pois é de ressaltar a qualidade da reflexão filosófica em Saussure, o que não ocorria em Leonard Bloomfield (1887-1949), um behaviorista despretensioso sob o ponto de vista epistemológico. Mesmo a contragosto do autor, as propostas saussurianas e suas derivadas culminaram num estruturalismo formal que levou a ignorar uma série de aspectos hoje considerados centrais na investigação linguística. Em especial, ignorou-se quase tudo o que estava ligado à semântica, à pragmática e historicidade.

7. Ainda na tentativa de fazer justiça a Saussure, lembro que na mesma obra da qual extraí o trecho acima, consta esta passagem surpreendente: *"Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado, formas novas [...] que ele se proponha (prometa) 'colocar' em seu próximo discurso. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva"* (Saussure, 2004: 86-87).

8. Simon Bouquet (1997). *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo, Cultrix.

9. Ainda hoje, e não só no Brasil, a maioria dos estudos de linguística se inicia com a leitura sistemática da vulgata saussuriana. Basta analisar a bibliografia existente e se verá que o *Curso de linguística geral* do linguista genebrino figura lá quase que obrigatoriamente.

Assim, constata-se que a base epistemológica da linguística dita científica do século XX foi uma adesão significativa ao modelo aristotélico-galileiano de ciência com tendências positivistas. Esse modelo esvaziou-se no final do século XX, deixando muitas perplexidades nas ciências humanas. Ao que tudo indica, uma das tristes heranças do século XX foi a insuficiência explicativa e o reducionismo decorrente do projeto formalista. Depositou-se na visão formal da língua uma expectativa exagerada que não deu os resultados esperados pela limitação e reificação do objeto construído para análise. Hoje, percebe-se que, ao invés da linguagem e seu funcionamento, a proposta formalista analisou um simulacro. Não se trata de recusar a forma e dar um privilégio à função, à ação, ao social e ao histórico, mas de harmonizá-los[10].

B. As dicotomias fundacionais: *langue e parole; competência e desempenho*

O final do século XIX é marcado por intensas análises da natureza da ciência e pelo debate sobre os fundamentos epistemológicos da investigação científica. Reativava-se a discussão a respeito do objeto científico e tentava-se resolver a tensão entre o particular e o universal, decidindo que a ciência não podia ser do particular e sim do universal. Isto desencadeou a já lembrada postura formalista por um lado, mas instaurou uma perspectiva empirista por outro. Instaurava-se o mundo extramental como o grande "tribunal da experiência", por um lado, e a visão formal com a imposição de um *a priori*, por outro lado. E todo o século XX viveu da tensão entre estes dois polos: o formal e o empírico.

É inserido nesse quadro histórico de seu tempo que Saussure (tributário, como vimos, de achados dos neogramáticos e comparatistas) instaura uma série de dicotomias para definir o objeto da linguística, sendo uma delas fundante e decisiva, isto é, a distinção entre *langue* e *parole*. A *parole* era a visão da língua no plano das realizações individuais de caráter não social e de

10. Aos que se interessam por uma análise dos caminhos e descaminhos do século XX e "as crises das ciências", com a derrocada da epistemologia clássica, bem como com a entrada da filosofia da ciência, aconselho a leitura do livro de Boaventura de Souza Santos (2003), *Introdução a uma ciência pós-moderna*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal. Importante para nós é o que defende o autor ao ensinar (p. 30): "Deve-se *suspeitar* de uma epistemologia que recusa a reflexão sobre as condições sociais de produção e de distribuição (as consequências sociais) do conhecimento científico". A ciência não pode ser vista como uma "prática para si", pois isso a confinaria num universo que anularia "a dimensão pragmática da reflexão epistemológica".

difícil estudo sistemático por sua dispersão e variação, e a *langue* era a visão da língua no plano social, convencional e do sistema autônomo. De igual modo procedeu Chomsky ao distinguir entre *competência* e *desempenho*, em que o primeiro era o plano universal, ideal e próprio da espécie humana (inato), sendo o segundo o plano individual, particularístico e exteriorizado, não sendo este de interesse para os estudos científicos da língua. Para Chomsky, o objeto da ciência só poderia ser a *competência*, assim como a *langue* para Saussure. Existe, no entanto, uma diferença fundamental entre Saussure e Chomsky, pois enquanto para Saussure a linguagem é uma instituição social e convenção social, para Chomsky a linguagem é uma faculdade mental inata e geneticamente transmitida pela espécie. Central, em ambos, são a forma, o sistema, a abstração e o universal como objeto da ciência controlada. Aqui, a língua enquanto atividade social e histórica, bem como a produção e a compreensão textual e as atividades discursivas ficam em segundo plano, mas não são negadas. Esse aspecto deve ser sempre enfatizado: nem Saussure, nem Chomsky negam que as línguas tenham seu lado social e histórico, mas estes não são, para eles, o objeto específico do estudo científico. Em Saussure, a unidade de análise vai até o item lexical ou o sintagma, e em Chomsky ela chega à frase.

Outro aspecto importante é o fato de Saussure não negar a existência do sujeito, mas ele não se ocupa do sujeito nem tem uma reflexão específica sobre ele. Na realidade, o sujeito saussuriano não é um indivíduo voluntarista, pois este é o sujeito da *parole*, o sujeito saussuriano é um sujeito formal e em certo sentido "assujeitado", social, mas este aspecto não interessa muito a Saussure. Em Chomsky, o sujeito é uma entidade mental, a-histórica e associal pela qual ele não tem grande interesse.

O estruturalismo saussuriano voltava-se para a análise do sistema da língua como um conjunto de regularidades que subjazem à língua enquanto interioridade e forma, sendo que a variação ficava por conta das realizações individuais. Saussure não nega que as línguas variam, mas a língua, sob o aspecto da variação, não é o objeto científico como tal. A forma era o resíduo estável da convenção social, e o discurso era o plano da fala individual que poderia variar enormemente e não poderia ser o objeto de uma análise controlada. Esta posição de Saussure teve grande influência, mas não foi a única visão de linguística na primeira metade do século, pois o século XX é multifacetado, sobretudo na segunda metade, embora se verifique uma certa polarização em torno do projeto saussuriano, se é possível falar assim.

Outras dicotomias importantes da linguística do século XX foram estas

— sincronia	– diacronia
— significante	– significado
— sentido	– referência
— conotação	– denotação
— sintagmático	– paradigmático
— literal	– figurado
— social	– individual

Muitas destas dicotomias e outras ainda são utilizadas nos estudos linguísticos sem o menor problema, em especial os de caráter formal ou estrutural.

C. O surgimento das perspectivas funcionalistas

Outras vertentes bastante influentes ao longo do século XX foram os hoje denominados *funcionalistas*[11] representados particularmente pela *Escola de Praga* com Nikolai Trubetzkoy (1890-1938); Roman Jakobson (1896-1982), este conhecido particularmente pela sua teoria das *funções da linguagem*, de grande influência; a *Escola de Copenhague* com Louis Hjelmslev (1899-1965) bem como a *Escola de Londres* com John Firth (1890-1960), a quem se deve a sistematização da noção de *contexto de situação* cunhada por Malinowski. Todos estes e vários outros linguistas europeus dessa época levaram adiante projetos e estudos linguísticos que não foram estritamente formais e estruturais no sentido saussuriano, tendo grande atenção para os aspectos funcionais, situacionais e contextuais ou comunicacionais no uso da língua, não se concentrando apenas no sistema. Deram origem às várias vertentes da linguística de texto e dos diversos funcionalismos.

Veja-se o caso de Michael A. K. Halliday (*1925-...), que segue a posição de Firth, mas amplia suas linhas de observação para o plano do texto na relação com o contexto, desenvolvendo reflexões sistemáticas a respeito do funcionamento do sistema na sua relação com o contexto situacional. Surge daí a influente posição a partir dos anos 1970, denominada *"gramática sistêmico-*

11. Particularmente interessantes a esse respeito são os estudos de Rodolfo Ilari (2004). O estruturalismo linguístico: alguns caminhos (pp. 53-92) e de Erotilde Goretti Pezatti (2004). O funcionalismo em linguística (pp. 165-218), ambos in: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à linguística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.

funcional", que propõe um funcionalismo baseado em formas regulares relacionando contexto social e forma linguística com base nas funções da linguagem e na sua realização nos mais variados registros e gêneros textuais. Halliday renova a reflexão jakobsoniana sobre as funções da linguagem e as reduz a três funções apenas: *ideacional, interpessoal* e *textual*.

Por outro lado, o estruturalismo americano distinguiu-se do europeu e teve uma maior variedade de direções. Uma tradição forte ali foi o casamento da linguística com a antropologia desde Franz Boas (1858-1942), passando por seu aluno notável, Edward Sapir (1884-1939), e o discípulo deste último, Benjamin Lee Whorf (1897-1941), que juntos deram uma orientação mais antropológica à linguística com temas que iam além da descrição formal da língua, gerando a famosa "*hipótese Sapir-Whorf*", conhecida como o relativismo linguístico, enquanto tentativa de demonstrar a relação entre linguagem e pensamento na perspectiva das representações sociais ligadas às línguas e etnias, visão que se filiava a Wilhelm von Humboldt (1767-1835)[12]. Dessas vertentes derivam a antropologia linguística, a etnografia da fala, a etnometodologia, a sociolinguística e outras linhas, tal como a análise da conversação.

Ao lado dessas tendências, vigorou na análise linguística, de forma bastante soberana Leonard Bloomfield (1887-1949), cuja obra *Language* (1933) teria muita influência entre os linguistas estruturalistas até a chegada de Chomsky no final dos anos 1950. Bloomfield passava ao largo dos fenômenos cognitivos e postulava o que se chamou de behaviorismo que seria superado logo após os anos 1960. Uma das características da linguística bloomfieldiana foi sua pouca atenção para os fenômenos semânticos da língua e sua tentativa de produzir um sistema de análise notadamente dedutivista fundado nas formas, mas com atenção para os dados, sendo neste caso também um descritivista.

D. A derrocada do behaviorismo e o surgimento dos cognitivismos

Segundo observa Monika Schwartz (1992: 11), citando Knapp, podemos dizer que o século XX divide-se em duas metades muito nítidas quanto à *linguística oficial*:

12. Para Humboldt, a linguagem era o diferencial básico entre os seres humanos e todos os demais seres.

(a) até o final dos anos 1950, dominaram o behaviorismo e o empirismo;
(b) a partir dos anos 1960 foi se acentuando cada vez mais o domínio do cognitivismo.

Assim, a partir dos anos 1960, a cena linguística internacional passa a ser dominada pelo gerativismo americano de Noam Chomsky (*1928-...). Dele provém grande parte dos estímulos da linguística atual em muitas direções e entre elas a *agenda cognitiva*, como notado pelo próprio autor (1994: 58)[13]. Segundo Chomsky (1994: 23), com a gramática gerativa, "o objeto de investigação deixou de ser o comportamento linguístico ou os produtos deste comportamento para passar a ser os estados da mente/cérebro que fazem parte de tal comportamento". A linguagem passa a ser concebida como uma *faculdade mental inata* instalada no "equipamento biológico" e não como um fenômeno social; a linguística passa a ser concebida como o estudo da língua internalizada e "torna-se parte da psicologia e, em última análise, da biologia" (p. 46). Com isto, a linguística deveria ser "incorporada nas ciências naturais" (p. 46), na medida em que se conseguirem instrumentos abstratos e formais de análise desses fenômenos mentais (Chomsky, 1994: 41-54)[14].

Nessa perspectiva epistemológica, o que está em jogo em primeira instância não é a análise de línguas nacionais nem suas exteriorizações ou

13. "A mudança de ponto de vista [estruturalista de análise] para uma interpretação mentalista do estudo da linguagem foi [...] um fator que contribuiu para o desenvolvimento das ciências cognitivas contemporâneas. [...] Surgiram muitos problemas novos e desafiadores, ao mesmo tempo que desapareceram inúmeros problemas conhecidos quando considerados nesta perspectiva" (Chomsky, 1994: 58).

14. Em sua obra de 1986, da qual usamos aqui a tradução de 1994, *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*, Chomsky nos dá as definições ainda hoje mais importantes para entender com clareza seu projeto geral. Para o autor, "a gramática generativa mudou o foco de atenção do comportamento linguístico real ou potencial e dos produtos desse comportamento para o sistema de conhecimento que sustenta o uso e a compreensão da língua e, mais profundamente, para a capacidade inata que permite aos humanos atingir tal conhecimento" (p. 43). Assim, "uma gramática generativa não é um conjunto de asserções acerca de objectos exteriorizados construídos de uma determinada maneira" (p. 43). Para Chomsky, a exterioridade linguística, os usos e as línguas naturais não são objetos interessantes para a linguística (p. 45). Contudo, creio que devemos fazer justiça a Chomsky, já que ele abre portas para o estudo de outras questões quando lembra que "o estudo da linguagem e da CU, conduzido no quadro da psicologia individual, admite a possibilidade de o estado de conhecimento atingido poder ele próprio incluir algum tipo de referência à natureza social da língua" (p. 38). O autor aponta as observações de H. Putnam com sua teoria da "divisão do trabalho linguístico" que mostra como o trabalho lexical na sociedade é dividido e não se pode prescindir de *experts* neste caso. E então lembra que "outros aspectos sociais da língua podem ser vistos de maneira idêntica — embora com isto não se pretenda negar a possibilidade ou valor de outros tipos de estudos sobre a língua que incorporem a estrutura social, bem como a interação social. Contrariamente ao que por vezes se pensa, nessa ligação não surgem conflitos nem quanto aos princípios, nem na prática" (p. 38). Observações nesse sentido podem ser vistas em Marcuschi (2000).

vinculações com a cultura e a sociedade e sim a mente humana e seus princípios gerais, a faculdade da linguagem inata e seu funcionamento como base para a aquisição de qualquer língua. A linguística seria a ciência encarregada da análise desses princípios gerais inatos e o seu maior desafio é, para Chomsky, essencialmente este:

> O estudo da estrutura da língua, tal como é atualmente praticado, deveria eventualmente desaparecer como disciplina, à medida que novos tipos de evidência vão ficando disponíveis. Só deveria permanecer distinto porque o seu objeto é uma faculdade particular da mente, em última instância o cérebro: o seu estado inicial e os vários estados de maturação que pode atingir (1994: 55).

O preço pago por Chomsky para implantar essa perspectiva foi a eliminação dos estudos ligados à vida social da linguagem, isto é, a pragmática, a sociolinguística, a interação verbal, o discurso etc., ligados ao uso, funcionamento ou desempenho linguístico. A descrição cede lugar à intuição. Para Chomsky, a fonte de dados não é a produção empírica e sim a introspecção do analista. Contudo, não se deve ver Chomsky como um teórico fincado num quadro teórico monolítico e imutável, pois há uma permanente mudança e evolução em seu modelo teórico[15]. No futuro, tenho certeza que as avaliações mostrarão que seu estímulo foi mais produtivo que o saussuriano. Mesmo para quem não o segue ou dele discorda, as reflexões chomskianas são um ponto de partida obrigatório hoje em dia e, em certo sentido, a agenda linguística do momento é bastante ditada pelas linhas mestras do gerativismo. Não no sentido de seguir a teoria, mas de situar e identificar os problemas que ali se levantam e que o gerativismo está incapacitado de resolver ou pelos quais não se interessa.

Assim, alguns temas que nunca foram bem tratados voltaram hoje à ordem do dia, tais como a questão da origem da linguagem e a natureza da mente humana. A natureza dos dados linguísticos e a necessidade de uma

15. Quanto a esse aspecto, aconselho a leitura do trabalho de José Borges Neto (2004). O empreendimento gerativo. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à linguística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 93-130. Nesse trabalho, Borges Neto mostra que o programa gerativo, criado e liderado por Chomsky, é muito mais unitário e permanente do que os gerativistas imaginam. Desde os anos 1950 até hoje, Chomsky se mantém fiel ao programa inicial, cujo núcleo consistiria nestas afirmações: (a) "*Os comportamentos linguísticos efetivos (enunciados) são, ao menos parcialmente, determinados por estados da mente/cérebro*"; e (b) "*A natureza dos estudos da mente/cérebro parcialmente responsáveis pelo comportamento linguístico pode ser captada por sistemas computacionais que formam e modificam as representações*". Para Borges Neto, isso sintetiza o pensamento chomskiano nestes cinquenta anos. "A criação de sistemas computacionais que sirvam de modelo para o conhecimento linguístico dos falantes/ouvintes de uma língua" seria a tarefa do linguista.

definição de língua-linguagem, sujeito e sentido. Busca-se hoje a completa superação do behaviorismo e ao mesmo tempo a não entrega a um mentalismo como o de Chomsky. Evita-se a visão estruturalista e a descrição estritamente formal. Adere-se a visões funcionais, mas sem uma crença em determinismos externos. Neste percurso, o século XX acabou legando uma série de perplexidades e a partir delas um conjunto de tarefas urgentes para o século XXI. Chomsky representa um reducionismo violento do fenômeno linguístico. Com a pragmática e os novos enfoques, tem-se um deslocamento considerável do ponto de vista do sistema para a atividade comunicativa.

Portanto, os meados do século XX não foram apenas o ponto de partida da nova perspectiva vigorosamente levantada por Chomsky, mas também o ponto de maturação do que se convencionou chamar de *"virada pragmática"*[16]. Nessa perspectiva analisam-se muito mais usos e funcionamentos da língua em situações concretas sem dedicação à análise formal. É a passagem da análise da forma para a função sociocomunicativa e o enquadre sociocognitivo. Sabemos que as línguas são empregadas no dia-a-dia das mais variadas maneiras e não de forma rígida. Os estudos discursivos e pragmáticos tentam esclarecer como se dá essa produção de sentidos relacionados aos usos efetivos: o sentido se torna algo situado, negociado, produzido, fruto de efeitos enunciativos e não algo prévio, imanente e apenas identificável como um conteúdo.

A pragmática é uma perspectiva de estudos que partilha grande número de relações com várias áreas da linguística[17] e seguramente merecerá ao longo

16. Embora não seja aqui o lugar de detalhar essa questão, é imprescindível que pelo menos se faça um registro lembrando o papel essencial de Ludwig Wittgenstein a partir de suas *Investigações filosóficas* e John Austin com sua obra *Quando dizer é fazer*, que deram o impulso central a partir da filosofia analítica para que se desenvolvesse a pragmática tal qual a conhecemos hoje em suas diversas vertentes. Além desses, vale ressaltar o trabalho de H. P. Grice, *Lógica da conversação*, que estimulou o estudo sobre o problema da significação não literal e introduziu o problema da intencionalidade na pragmática, já que este não era um aspecto saliente nos modelos wittgensteinianos e austinianos.

17. Acredito que a **pragmática** é compatível com alguns tipos de análise de discurso, embora alguns defendam que a pragmática seja o "inimigo número um" da **análise do discurso francesa** (ADF), como o faz, por exemplo, Sírio Possenti (2004). Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à linguística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 353-392. Contudo, creio que a ADF não pode negar a noção de contexto nem a noção de cognição e intencionalidade, embora não trabalhe com elas tendo em vista a noção de sujeito e de língua que tem. O problema da pragmática de um modo geral é que ela não lida com o inconsciente e a psicanálise de um modo geral. Já a **análise do discurso crítica** (ADC) opera com a maioria desses conceitos por não ter a ideia de 'sujeito assujeitado' e não estar atravessada pela psicanálise. Concordo, no entanto, com Eni Orlandi que a visão psicologizante dos estudos pragmáticos com um sujeito intencional e sem inconsciente é um problema para os estudos pragmáticos. Seja como for, não creio que as mais diversas ADs que forem propostas possam se dar bem no futuro se não incorporarem algum tipo de pragmática e cognição.

deste século XXI atenção sistemática mais detida do que recebeu no século passado. É no quadro da pragmática associada a postulados de outras áreas que se mostra que a linguagem não é transparente e que as intenções não são dados empíricos. Ao lado da pragmática, apontaria ainda a já lembrada linguística cognitiva como a linha de trabalho que deverá constituir boa parte da agenda dos trabalhos linguísticos do século XXI.

E. As novas tendências a partir dos anos 1950-1960

É interessante não esquecer, nesta breve revisão geral da espinha dorsal do desenvolvimento da linguística no século XX, que a partir dos anos 1950-1960 surgem todas as chamadas *"tendências hifenizadas ou genitivas"*, isto é, as denominações de caráter eminentemente *interdisciplinares* do tipo:

- linguística-de-texto,
- análise-do-discurso,
- análise-da-conversação,
- sociolinguística,
- psico-linguística,
- etnografia-da-comunicação,
- etno-metodologia

e assim por diante. Por outro lado, o século XX, em especial no seu final, experimentou uma série de novas orientações e perspectivas ligadas aos avanços tecnológicos, e hoje enfrentamos o desafio de entender os usos linguísticos no ainda desconhecido campo da comunicação digital e nas interações virtuais representadas pela internet[18].

Portanto, não obstante a impressão da hegemonia de um projeto formalista na perspectiva do tripé Saussure, Bloomfield, Chomsky, deve-se admitir que a linguística do século XX foi multifacetada e plural. Teve uma imensa quantidade de desdobramentos, mas não é conclusiva e lega ao século XXI sérias questões não bem analisadas e que merecem aprofundamento.

18. Pessoalmente, defendo, quando a isto, que ***a internet é muito mais uma revolução social do que uma revolução linguística***. Assim, como ainda veremos no trabalho sobre gêneros, a linguagem não está em crise nem se modifica de maneira tão radical com o advento da escrita internetiana. Um dos fatos mais notáveis quanto a isso é a evidência da ***variação na escrita***, fenômeno menos visível até este momento.

Como vimos, paralelamente a toda análise formal da língua, foram surgindo, nos anos 60 do século XX, novas tendências que fugiam à linguística hegemônica. Eram linhas de trabalho que buscavam observar a linguagem em seus usos efetivos. Tratava-se do que se chamou de a *guinada pragmática*, motivada em parte pela filosofia analítica da linguagem impulsionada tanto por Wittgenstein (1889-1951) como por Austin. A partir dos anos 1960, surgiram a pragmática, a sociolinguística, a psicolinguística, a análise de discurso, a análise da conversação, a etnolinguística e, neste contexto, também a *linguística textual*. Assim, não tem mais de 40 anos a tradição dos estudos sobre o texto na linguística. Hoje persistem muitas tendências, mas a visão sociocognitiva está de algum modo tomando conta.

Uma breve radiografia dos estudos linguísticos mostra desmembramentos teóricos nítidos no século XX, que poderíamos caracterizar deste modo:

1. a identificação do objeto da linguística como sendo as formas representadas pelo sistema que se daria como uma abstração, resultando daí um grande conjunto de dicotomias, a maioria delas ainda hoje em vigência; aqui construíram-se os grandes modelos de análise e descrição do fenômeno linguístico em seus níveis e com suas unidades internas; era um trabalho imanente e ligado à estrutura; trata-se da fortuna do modelo saussuriano;
2. a guinada pragmática[19], num primeiro momento vinda de fora, em especial da filosofia da linguagem de natureza analítica (especialmente com Wittgenstein e Austin), oferecendo novos paradigmas de análise da língua como forma de ação, mas sem atingir a linguística como

19. Embora já tenha feito uma longa nota sobre a ***pragmática***, creio que se pode acrescentar mais alguns detalhes para que não fique vaga esta noção. De acordo com o *Dicionário de análise do discurso*, de Patrick Charaudeau & Dominique Maingueneau (2004), em seu verbete < **pragmática** > (pp. 393-396), o termo 'pragmática' usado como substantivo designa tanto uma subdisciplina da linguística como uma corrente de estudos do discurso como uma concepção de linguagem. Como adjetivo, na visão de Morris (1938), seria um dos níveis de funcionamento da língua ao lado da sintaxe (relação do signos entre si) e da semântica (relação do signos com o mundo). Diria respeito à relação dos signos com seus usuários. A rigor, a pragmática é todo o estudo da língua relacionado a fatores contextuais e discursivos, tendo como foco de análise os usos e não as formas.

20. A sociolinguística trata da relação entre linguagem e realidade social. Surgiu nos anos 1950 com Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman, com estudos sobre a **diglossia** e o **contato linguístico**, entre outros. Com William Labov, tomou corpo o estudo da **variação linguística**. Há ainda outras sociolinguísticas qualitativas, tal como o trabalho de Basil Bernstein e o trabalho dos sociolinguistas Leslie Milroy e James Milroy com a análise das redes sociais, que no Brasil tiveram repercussão nos estudos de Stella Maris Bortoni-Ricardo. Nesse campo, inserem-se ainda os estudos da norma e da língua padrão, tal como vêm sendo estimulados entre nós por Marcos Bagno.

um todo; introduzia a preocupação com a produção efetiva; teve início aqui uma discussão sobre a natureza da linguagem e se de fato a perspectiva formal daria ou não conta do tratamento da língua como "forma de ação";

3. a percepção e a identificação da variação social da linguagem[20], na perspectiva do variacionismo norte-americano ou na visão sociointerativa, trouxe grande quantidade de novos elementos e uma real oxigenação à linguística com o surgimento da sociolinguística *stricto sensu* na teoria da variação e os mais variados estudos sobre norma linguística e as investigações mais sofisticadas da dialetologia na continuidade dos estudos do século XIX, tendo em parte mantido-se no contexto dos estudos formais;
4. a visão dos estudos da natureza discursiva da língua que se dedica ao estudo do discurso em sua visão mais ampla, bem como às condições enunciativas. Aqui temos a etnografia da comunicação, a linguística de texto, a análise da conversação, a psicolinguística e uma série de outras perspectivas em que se nota a presença da interdisciplinaridade e na observação da linguagem em funcionamento. A análise do discurso em sentido estrito, inicialmente, mantinha um compromisso com o estruturalismo na formulação dada por Pêcheux, sendo ainda alimentada pela teoria linguística, o marxismo e a psicanálise. Distinguem-se hoje várias análises do discurso (por exemplo: AD crítica e a AD francesa), mas a mais praticada no momento, no Brasil, é a de origem francesa;
5. a afirmação do *"compromisso cognitivista"*, nos meados do século, trazia a preocupação com a natureza da linguagem sob o ponto de vista de seu estatuto cognitivo; a preocupação com a atividade referencial, o problema da cognição, da significação, construção de categorias, problema dos protótipos, metáforas e todos os demais temas envolvidos nesta área; fortes influências da investigação computacional (modelo chomskiano), da psicologia cognitiva, do conexionismo e de outros campos como a neurologia levaram a vários caminhos e, hoje, o desafio cognitivo é uma das perplexidades da linguística contemporânea, tendo em vista que se trata de uma determinação tanto interna como externa da língua e aqui não se pode mais ser dicotômico, nem formal ou funcional simplesmente.

É evidente que estes cinco focos são uma forma simplista e sumária de sistematizar e reduzir o grande e rico percurso da linguística no século passa-

do a um pequeno punhado de aspectos, mas isto mostra uma renovação nos temas e nas perspectivas de maneira exemplar. Mostra também que, apesar de tudo, a linguística no século XX não foi simplesmente estruturalista nem gerativista, mas muito mais matizada e rica em perspectivas.

Percebe-se que o projeto científico da linguística no século XX derivou da forma (estrutura) para a cognição (organização da mente). Foi de uma imanência (centrada na estrutura da língua) a outra imanência, desta vez internalista (centrada nas estruturas mentais). É difícil imaginar algo claro ao dizer que Chomsky é cognitivista, pois o termo *cognição* neste momento não designa algo consensual. O melhor seria dizer que Chomsky postula um racionalismo mentalista, se é que isso caracteriza alguma coisa de modo específico.

Observando estes poucos elementos do lado da linguística científica, parece que as rupturas mais significativas sob o ponto de vista epistemológico se dão quando o trato da língua situa-se em algum quadro teórico ou visão epistemológica diferente. Assim, Chomsky é uma ruptura pela sua ênfase no lado biológico e mental, e as demais vertentes são uma ruptura pelas suas ligações com novos enquadres epistemológicos, como bem lembrou Michel Pêcheux (1998) em elucidativa análise "Sobre a (des)construção das teorias linguísticas"[21].

Com alguns acréscimos, endosso a visão de Eduardo Guimarães (2001:122s) para a cena contemporânea da linguística em suas rupturas e tradições persistentes no embate entre quatro perspectivas:

a) o estruturalismo saussuriano com a visão de língua como fenômeno social, mas autônomo enquanto objeto de análise;
b) o cognitivismo naturalista chomskiano para o qual a linguística se instaura no interior das ciências naturais com seu caráter biologizante;
c) a perspectiva interdisciplinar que tenta conciliar o exterior da linguagem (sociedade, história, cultura etc.) com a interioridade;
d) "posições como a análise de discurso, que põem em cena a questão de que não se pode reduzir o linguístico nem ao social (antropológi-

---

21. Refiro-me aqui ao trabalho pouco conhecido de Michel Pêcheux (1999). Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. *Língua e instrumentos linguísticos*, 2(1999), pp. 7-32, Campinas: Pontes. Assim se expressa Pêcheux nesse artigo: *"O fato de que o próprio itinerário da CGT tenha podido contribuir, na base de um certo* ***encobrimento interno*** *da especificidade dos fatos sintáticos, para deslocar cada vez mais o ponto de aplicação da reflexão em direção à semântica e à lógica, depois para a pragmática, não constitui face a este consenso senão prova suplementar: a homenagem forçada, pelo convívio formalista, às virtudes de um "****pensamento aberto ao exterior****"* (p. 13, grifos do autor).

co) nem ao psicológico, pois a linguagem é, ao lado de integralmente linguística – num certo sentido saussuriano – também integralmente histórica" (p. 123).

Rigorosamente, tanto o estruturalismo quanto os funcionalismos pagam um alto tributo ao empirismo, ao passo que os formalismos são reféns de algum tipo de racionalismo, o que lhes dá pouca função prática e muito poder teórico de caráter explicativo. Nesse sentido, um dos contrastes mais marcantes entre as teorias de um modo geral será o fato de umas serem mais explicativas e outras mais descritivas; umas quererem aplicabilidade e outras apenas explicitude; algumas buscam observar usos (por exemplo, a pragmática) e outras buscam explicar formas. Isso não contribui para uma visão unitária nem para um diálogo construtivo entre as teorias.

Mas é mais do que urgente compreender, como mostra Pezatti (2004:165-218), que o funcionalismo em linguística é muito mais um conjunto de teorias dentro de um paradigma do que uma visão unitária. Há muitos funcionalismos formalistas. Partindo da visão saussuriana, podemos dizer que o próprio objeto linguístico se dá funcionalmente como produto de um ponto de vista e não como algo preestabelecido. O funcionalismo foi, a rigor, uma visão que precedeu o formalismo em linguística.

Em proveitoso capítulo "Why Linguistics Needs the Sociologist", de seu *Foundations in Sociolinguistics* (1974), Dell Hymes trata da relação entre formalismo e funcionalismo observando que desde o início do século XX até a Segunda Guerra, deu-se o estudo da língua primordialmente na base da observação da estrutura e com isso o triunfo do estruturalismo que produziu resultados interessantes. É preciso não deixar de reconhecer que o estruturalismo teve o mérito de chamar a atenção para fatos da língua que antes não eram vistos com aquela clareza. Isto significa que, sob o ponto de vista metodológico, houve um ganho real na investigação linguística.

Hoje a questão está bem mais diversificada e temos também o que se chama de *linguística forense* (que se ocupa de problemas ligados à questão jurídica); *linguística clínica* (ligada essencialmente a problemas *neurolinguísticos, tais como as afasias, mal de Alzheimer e outros*); *linguagem e trabalho* (voltada para a análise das relações humanas no trabalho, tendo o processo interativo pela linguagem como foco) e assim por diante. Isto significa que a linguística tem ampliado seu campo de ação.

Hymes (1974: 78-79) sugere um quadro geral de propriedades para se observar as relações entre "linguística estrutural" e "linguística funcional". O aspecto mais importante aqui é que a análise estrutural envolve questões de relevância funcional no sistema linguístico e que a análise funcional revela estruturas de uso, de modo que em ambos há aspectos funcionais e estruturais. O problema está, por um lado, na ênfase e, por outro, na forma de priorizar os dois aspectos. Chamo a atenção para o fato de não se estar aqui postulando uma dicotomia estrita entre funcionalismo e formalismo. Isto seria inadequado, já que entre ambos há um contínuo de posições como se vê neste quadro:

COMPARAÇÃO DOS FOCOS NA VISÃO DA LINGUÍSTICA ESTRUTURAL E FUNCIONAL

Linguística "estrutural"	Linguística "funcional"
1. Estrutura do código linguístico como gramática	1. Estrutura da fala (ato, evento) como formas de dizer
2. O uso apenas implementa – talvez limita, talvez correlaciona – o que é analisado como código; análise do código antecede a análise do uso	2. Análise do uso é anterior à análise do código; organização do uso revela relações e traços adicionais; mostra código e uso em relação (dialética) integral
3. Função referencial – completamente semantizada e uso como norma	3. Gama de funções sociais ou estilísticas
4. Elementos e estruturas como analiticamente arbitrários (na perspectiva transcultural ou histórica), ou universal (na perspectiva teórica)	4. Elementos e estruturas como etnograficamente adequados
5. Equivalência funcional (adaptativa) das línguas; todas as línguas são essencialmente (potencialmente) iguais	5. Diferenciação funcional (adaptativa) das línguas, variedades e estilos; estes são existencialmente não necessariamente equivalentes
6. Código e comunidade singulares e homogêneos (replicação de uniformidade)	6. Comunidade linguística como matriz de repertórios de códigos de estilos de fala ("organização e diversidade")
7. Conceitos fundamentais, como comunidade de fala, ato de fala, falante fluente, funções da fala e da linguagem como tácitos ou arbitrariamente postulados	7. Conceitos fundamentais tomados como problemáticos e a serem investigados em seus contextos de origem e uso.

FONTE: Dell Hymes (1974). *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 79.

Geoffrey Leech (1983: 46)[22], numa perspectiva que complementa as posições acima, sugere uma outra visão das relações entre formalismo e funcionalismo, mostrando que ambas são posições teóricas vinculadas a diferentes visões da natureza da linguagem. Para esta visão, Leech toma de modo explícito a posição chomskiana como o paradigma básico para o formalismo. Mas isto é em certo sentido um reducionismo bastante grande. Por outro lado, na caracterização dos funcionalistas, não temos incluído os analistas do discurso de um modo geral nem a maioria dos que tratam de problemas cognitivos na

22. Citado aqui a partir de D. Schiffrin (1994: 21-22), que extrai os dados de C. Leech (1983). *Principles of Pragmatics*. London, Longman.

perspectiva sociointeracionista. Portanto, a visão do autor é limitada, mas mesmo assim vale a pena ser cotejada porque nos dá uma série de elementos importantes para a visão que vamos defender aqui.

FORMALISTAS E FUNCIONALISTAS SEGUNDO A VISÃO DE G. LEECH	
1. Formalistas (p. ex. Chomsky) tendem a tomar a língua primariamente como um fenômeno mental.	1. Funcionalistas (p. ex. Halliday) tendem a tomá-la primariamente como um fenômeno societal.
2. Formalistas tendem a explicar os universais linguísticos como derivados de uma herança genética comum à espécie humana.	2. Funcionalistas tendem a explicá-los como derivados da universalidade dos usos pelos quais a linguagem funciona na sociedade.
3. Formalistas inclinam-se a explicar a aquisição da linguagem em termos de uma capacidade humana inata para a aprendizagem.	3. Funcionalistas inclinam-se a explicá-la em termos do desenvolvimento das necessidades comunicativas da criança na sociedade.
4. Formalistas estudam a linguagem sobretudo como um sistema autônomo.	4. Funcionalistas estudam-na na relação com suas funções sociais.

Simplificadamente, pode-se dizer que o funcionalismo, em especial o sistemicista, baseia-se em dois pressupostos:

1. a linguagem tem funções que são externas ao sistema como tal
2. funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico.

Os formalistas, particularmente os chomskianos, por sua vez, postulam que as funções externas da linguagem não influenciam as categorias internas do sistema. Tomam o sistema como autônomo e baseado na modularidade: fonologia, sintaxe e semântica. Cada módulo é independente e não interage com o outro.

Os funcionalistas radicais postulam que as categorias funcionais são primárias e delas deriva o sistema linguístico. Já os funcionalistas moderados postulam que há uma relação entre forma e função, sendo que as categorias formais não são derivadas da função. Na realidade, o funcionalismo não se ocupa de formular princípios gramaticais internos que caracterizem a boa- ou má-formação de um conjunto de frases. A tendência do funcionalismo é observar os aspectos que conduzem de maneira mais adequada os processos interativos e comunicativos nas relações entre os interlocutores ou nos contextos comunicativos.

Apesar destas observações, entre formalismo e funcionalismo não há uma dicotomia estrita. Ambos comungam de uma série de propriedades e princípios e não chegam a *formar dois campos incompatíveis*[23]. *De uma maneira* geral, nos dias atuais, sobrevivem muitas das teorias dos últimos vinte anos.

23. Cf. a esse respeito os trabalhos de Erotilde Coreti Pezatti, "O funcionalismo em linguística" (pp. 165-218) e o trabalho de Roberta Pires de Oliveira, "Formalismos na linguística: uma reflexão crítica" (pp. 219-250). Ambos in: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.) (2004). *Introdução à linguística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez. As duas autoras têm visões bastante diferenciadas a respeito da questão e por isso vale a pena confrontá-las.

Bastem estes comentários sumários para se ter uma noção do lugar em que se situa a linguística de texto. Ela vem no final de um longo percurso científico e ela própria passou por um grande desenvolvimento. É a este tema que nos dedicaremos a seguir para entrar então de modo sistemático no trabalho com a produção textual.

Sugestão de trabalho

Após a breve análise do desenvolvimento da linguística no século XX, seria útil realizar um levantamento dos principais aspectos analisados, em especial aqueles ligados a autores, correntes teóricas e grandes temas. Uma consulta às obras indicadas na página seguinte serve como aprofundamento e fonte para realização da tarefa. Entre os temas que merecem atenção ofereço estas sugestões:

1. Quais os principais autores que desde o início do século XX mais contribuíram para o desenvolvimento da linguística em suas várias direções (uma breve relação dos autores com as ideias centrais).
2. Quais as principais correntes linguísticas surgidas no século XX (uma breve descrição dos princípios básicos).
3. Termos técnicos que poderiam contribuir para a construção de um pequeno glossário que aparecem nesta exposição e marcam o percurso dos estudos linguísticos no século XX, tais como:

GLOSSÁRIO	
ato de fala cognição competência comunicativa competência linguística desempenho dialeto discurso estilo estrutura fonética fonologia forma função intenção	interação léxico língua padrão morfologia norma linguística pragmática registro signo sintaxe valor variação variedade linguística

Obras de consulta para aprofundamento dos temas tratados

Entre os instrumentos básicos imprescindíveis para trabalhar temas, conceitos e correntes teóricas com algum aprofundamento e brevidade para uma compreensão desejável estão obras de consulta tais como dicionários e história da disciplina. Assim, aqui ficam estas sugestões básicas para seu uso.

BORBA, Francisco da Silva (1979). *Introdução ao estudo da linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional.

BRAIT, Beth (2005). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

CRYSTAL, David (1997). *The Cambridge Encyclopedia of Language*. 2nd Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste & MEVEL, Jean-Pierre (1978). *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.

DUCROT, Osvald. & TODOROV, Tzvetan (1987). *Dicionário de ciências da linguagem*. Lisboa: Dom Quixote.

FIORIN, José Luiz (org.) (2004). *Introdução à linguística*. Vol. II: *Princípios de análise*. São Paulo: Contexto.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim (1975). *História da linguística*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

MOISÉS, Massaud (1974). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.) (2004). *Introdução à linguística*. Vol. 3: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.

SEUREN, Pieter A. M. (1998). *Western Linguistics. An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell.

TARSK, R. L. (2004). *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto.

WEEDWOOD, Barbara (2002). *História concisa da linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.